

ENCONTRO COM UMA ITÁLIA SENTIMENTAL: A ORIGEM ITALIANA DO ESCRITOR FERNANDO SABINO

Cristina Gonçalves Ferreira de Souza¹

RESUMO:

O escritor Fernando Sabino é conhecido por seus romances, contos e crônicas nos quais aborda questões profundas do ser humano a partir de temas do cotidiano. Um traço importante de sua literatura, porém pouco explorado, é sua relação com a Itália e a presença da cultura italiana em sua obra. Neste artigo, apresentamos a origem italiana do escritor e analisamos a presença da cultura italiana na sua obra, partindo de três textos retirados dos livros *O menino do espelho*, *A volta por cima* e *Livro aberto*. Apresentamos também dois relatos de viagem retirados do livro *De cabeça para baixo* nos quais Sabino faz um resgate cultural das suas origens. Essa pesquisa inicial² comprova que a cultura italiana está presente na obra do escritor por meio de evocações da sua hereditariedade e da inserção de elementos da cultura italiana nos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Sabino, Imigração Italiana em Minas Gerais, Literatura

INTRODUÇÃO:

A cultura italiana está materialmente presente na vida dos belo-horizontinos, em nomes de ruas e de praças³, em placas de comércio⁴, na arquitetura⁵ de várias construções espalhadas pela cidade. Porém, grande parte da população provavelmente ainda não se deu conta da medida desta contribuição vinda de tão longe, daquele país do qual a maioria ouviu falar muito rapidamente a propósito de confrontos da sua seleção de futebol com a seleção brasileira e que não sabe bem onde fica. Eu também ignorava a relevância dessa contribuição. Comecei a perceber a presença da cultura italiana em minha vida quando optei, na graduação em Letras, por estudar, além do Português, o Italiano. À medida que avançava

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada - POSLIT/UFMG.
cristinasouzadutra@gmail.com

² Agradeço pela orientação da prof. Anna Palma e pelas colaborações de Bernardo Sabino e Nilza Cantoni.

³ Para saber mais sobre nomes italianos nas ruas de BH acesse:

<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/DAJR-8H5TJ4>

⁴ Para conhecer mais sobre nomes italianos no comércio de BH acesse:

<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp118521.pdf>

⁵ Para conhecer mais sobre a influência italiana na arquitetura de BH acesse:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/815>

nos estudos, a consciência da língua acendia em mim uma luzinha que apontava para tudo que tivesse origem italiana no meu entorno. Assim, pude perceber o quão presente a cultura italiana está na formação da cultura belo-horizontina, nos bens materiais e nos imateriais. Quando, mais tarde, iniciei minha pós-graduação em Literatura Brasileira, escolhi estudar um escritor mineiro, sem perceber que os estudos do Italiano tinham sua parte na escolha do objeto da minha pesquisa. Apenas recentemente, já no doutorado, fui despertada por uma pergunta da minha orientadora para a relação entre o meu escritor de trabalho e a cultura italiana. Ela fez uma pergunta que é comum entre os imigrantes e descendentes de europeus, mas que não é comum no meu universo de descendente de africanos. “O Fernando Sabino é descendente de italianos, né?”. Meu primeiro movimento foi afirmar que ele era, mas em seguida contemporei. “Eu acho que é...”. A resposta imprecisa que dei me incomodou e resolvi pesquisar o assunto. Esta conversa na cantina da Letras originou o estudo que organizo neste artigo. Minha resposta foi buscar dados da ascendência do escritor e pesquisar na sua obra textos nos quais são encontradas marcas da cultura italiana.

Início este artigo apresentando dados da presença de imigrantes italianos em Belo Horizonte e da ascendência italiana do escritor Fernando Sabino. Em seguida, analiso elementos da cultura italiana presentes em três textos do escritor publicados nos livros *A volta por cima*, *O menino do espelho* e *Livro aberto*. Para concluir, cito dois relatos de viagem do escritor publicados em *De cabeça para baixo* que ilustram, de certa maneira, a busca das suas origens italianas.

1. A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM BELO HORIZONTE E A ORIGEM DO ESCRITOR:

Belo Horizonte, fundada em 12 de dezembro de 1897, foi projetada para ser a nova capital do Estado⁶. A cidade recebeu grande fluxo de imigrantes que trabalharam na sua construção e aqui permaneceram contribuindo na formação da cultura belo-horizontina juntamente com grupos⁷ vindos de outras regiões do Brasil.

⁶ Leia mais sobre a fundação da cidade em: <https://www.mg.gov.br/conteudo/conheca-minas/turismo/capital#:~:text=A%20cidade%20de%20Belo%20Horizonte,mineira%2C%20Mariana%2C%20em%201745.>

⁷ Um estudo genético realizado com pessoas de Belo Horizonte revelou que a ancestralidade dos belo-horizontinos é 66% europeia, 32% africana e apenas 2% indígena. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte#Etnias_e_migra%C3%A7%C3%A3o



Figura 1: Inauguração da cidade de Belo Horizonte. Fonte:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Inauguracaobh.jpg>

O imigrante trouxe à sociedade local novas técnicas, novas culturas, novos modos de fazer e de trabalhar, de socializar, integrando-se totalmente à cultura da cidade e modificando-a e modificando-se por meio de trocas de saberes e de conhecimentos. Lígia Pereira, em texto publicado no “V Seminário de Imigração Italiana em Minas Gerais”⁸, afirma a respeito da presença de imigrantes na formação da cidade de Belo Horizonte:

Para se avaliar o peso dos imigrantes na construção de Belo Horizonte e no começo de seu processo de industrialização não é preciso ir muito longe. A cidade é marcada pela presença do estrangeiro, que se revela em nomes de ruas, de firmas, de estabelecimentos comerciais, de instituições de naturezas diversas. (PEREIRA, 2009, p.2)

Segundo Pereira, os imigrantes italianos, especificamente, foram foco de uma campanha do governo mineiro que, em 1896, anunciava “a concorrência de terras na região do Curral del Rey”(PEREIRA, 2009). A nova capital estava sendo construída e demandava mão de obra qualificada, que foi constituída em grande parte por italianos. Finalizada a construção da cidade, esses trabalhadores estabeleceram-se com suas famílias, organizando-se em associações e desenvolvendo diversas atividades.

⁸ Recomendo a leitura do trabalho de Pereira.

O escritor Fernando Sabino, nascido em Belo Horizonte em 12 de outubro de 1923, é neto de Nicola Savino e Angela Appratto, italianos que migraram para o Brasil por volta de 1880 e se estabeleceram na cidade mineira de Leopoldina. Cito Cantoni e Machado⁹ (2017):

Nicola Carmelo Rosario Savino foi um dos imigrantes italianos pioneiros da fase da Grande Imigração em Leopoldina, tendo chegado ao município antes de 1880. Era natural de Ispani, província de Salerno, região da Campania. (CANTONI e MACHADO, 2017, s.p.)

Nicola teve quatorze filhos, sendo o mais velho Domingos Sabino, pai do escritor, nascido em 18 de abril de 1881 em Leopoldina. A mãe do escritor, Odete Lacerda Tavares, nascida em 02 de maio em 1891, também pertencia a uma família tradicional da cidade. Domingos trabalhava no comércio em Leopoldina e mudou-se para Belo Horizonte em 1909. Odete era professora e mudou-se para Belo Horizonte em 1913. Odete e Domingos casaram-se em 06 de setembro de 1913 e Fernando Sabino é o quinto dos seis filhos do casal.



Figura 2: pais do escritor Fernando Sabino. Fonte: acervo do autor.

Veja a seguir a árvore da família do escritor elaborada a partir dos estudos de Cantoni e Machado (2017):

⁹ Nilza Cantoni e Luja Machado pesquisaram a genealogia da família Savino.

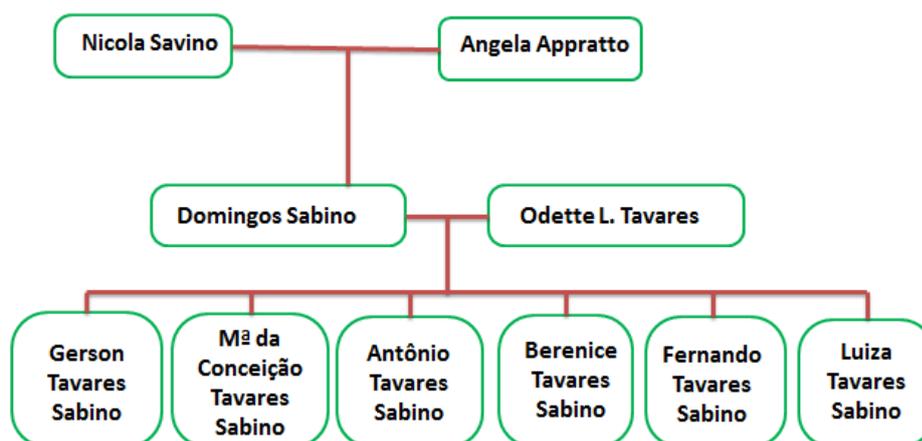


Figura 3: Árvore da família Sabino - elaborada a partir dos estudos de Cantoni e Machado (2017).

Como podemos perceber, ocorre uma alteração na grafia do sobrenome da família, de Savino para Sabino, entre a geração do avô e do pai do escritor. A alteração da grafia de sobrenomes, segundo Cantoni e Machado (2017), pode ser explicada pela prática comum dos tabeliães e escrivães de fixar a grafia dos nomes durante o registro em num período em que as regras de grafia ainda não estavam fortemente definidas. Momento em que “ausência de normas ortográficas foi suprida pela melhor forma de transcrever informações orais” (CANTONI e MACHADO, 2017). Ainda segundo Cantoni e Machado (2017), há divergências sobre a região de origem do sobrenome e há registros das duas grafias no país.

Assim como há divergência entre o ponto de origem e de dispersão do povo antigo por parte dos estudiosos, também a grafia adotada como sobrenome, séculos depois, não é unívoca. Nos livros de registros civis do século XIX, encontra-se a forma Sabino na Puglia e na Sicília. Na Campânia e no Lazio, a grafia é Savino. Mas especificamente para a família estudada, todas as fontes italianas a que se teve acesso trazem a forma SAVINO, razão porque foi adotada para os que de lá migraram para Leopoldina. (CANTONI e MACHADO, 2017, s.p.)

A presença da cultura italiana pode ser percebida em alguns dos textos do escritor mineiro, e sua análise é objeto da segunda parte deste trabalho.

2. A CULTURA ITALIANA NA OBRA DE FERNANDO SABINO:

A cultura italiana não é um elemento central na obra de Fernando Sabino, contudo é possível encontrá-la em alguns textos curtos e também em obras mais longas. Podemos percebê-la por meio do que chamamos de evocações de hereditariedade, momentos nos quais é mencionada a ascendência italiana, e também por meio da presença de elementos da

cultura italiana, na forma de objetos citados na descrição de situações e ambientes. Vejamos estes três exemplos retirados da obra do escritor.

O primeiro foi retirado do livro *O menino no espelho*¹⁰, um romance sobre infância publicado em 1982, no qual Sabino empresta ao personagem principal, o menino Fernando, as memórias e reminiscências da sua infância. O trecho que citamos abaixo foi retirado do capítulo 1, intitulado “Galinha ao Molho Pardo”. Neste capítulo, o narrador conta as peripécias do menino para salvar sua amiga Fernanda, uma galinha comprada especialmente para ser servida ao molho pardo no almoço em homenagem ao Dr. Junqueira.

_ Está quase na hora do almoço - disse minha mãe: - O Dr. Junqueira está para chegar de uma hora para outra, e como é que a gente vai fazer sem a galinha? O Domingos vai ficar aborrecido.

Dali a pouco era o meu pai quem chegava da rua, trazendo o jornal de domingo debaixo do braço. Quando mamãe lhe deu a triste notícia, para minha surpresa e dela, ele não se aborreceu:

_ Faz outra coisa. Macarrão, por exemplo. O Dr. Junqueira é bem capaz de gostar de macarrão.

E foi ler o jornal na varanda.

Filho de italiano, quem gostava de macarrão era ele. E da macarronada que a Alzira fazia todo mundo gostava.

Pois o Dr. Junqueira não só gostou, como repetiu duas vezes, para grande satisfação de mamãe. **Papai abriu uma garrafa de vinho daquelas de cestinha de palha**, e os dois a esvaziaram, depois de dar um pouquinho para mim e meus irmãos, com água e açúcar. Guardanapo enfiado no colarinho, o Dr. Junqueira limpou os bigodes, satisfeito:

_ Ainda bem que era essa macarronada tão boa. Eu estava com medo que fosse galinha. Se tem uma coisa que eu detesto é galinha. Principalmente ao molho pardo. (SABINO, 2007, p.32) (grifo nosso)

O ambiente urbano de Belo Horizonte da década de 30 é o espaço das memórias emprestadas pelo escritor ao menino Fernando. O espaço das casas grandes com quintal e sons de passarinhos, das famílias patriarcais que possuíam agregados e muitos filhos. É espaço da brincadeira, do crescimento, no qual a cultura italiana herdada do pai e do avô estava presente. Como se pode perceber pelo desfecho, Fernando teve sucesso em salvar sua amiga da morte certa a escondendo debaixo da bacia da lavadeira. O macarrão, prato querido do pai descendente de italianos e dos demais familiares, salva o evento e é servido acompanhado por uma garrafa de vinho “daquelas de cestinha de palha”.

Aqui temos declarada a hereditariedade por meio da ascendência italiana do pai de Fernando e temos também a presença do macarrão e do vinho como elementos italianos.

¹⁰ O menino no espelho foi publicado originalmente em 1982, alcançando grande sucesso de público e sendo adaptado para o cinema no ano de 2014, com direção de Guilherme Fiuza, com Lino Facioli, Regiane Alves, Laura Neiva e Ricardo Blat no elenco.

Sabemos que a presença da “pasta” no cardápio belo-horizontino é uma herança direta dos imigrantes italianos que fundaram diversos pastifícios pela cidade. Pereira (2009) cita como pioneiras em Belo Horizonte a “Massas Alimentícias Martini”, de Agostino Martini (1914), a “Massas Alimentícias Isoni”, de João Isoni (1922), e a “Domingos Costa Indústrias Alimentícias”¹¹ de Domingos Costa (1925). A Figura 4 traz o interior do “Pastifício Peluso”¹², fundado em 1950 por uma família italiana que chegou à cidade em 1925.



Figura 4: Pastificio Peluso (Fundado em 1950). Captura de tela. Fonte: <https://youtu.be/RmFwrYtYlbg>

Os comércios italianos abertos na cidade certamente foram importantes para a inserção de produtos da cultura italiana, como as massas, os queijos e os vinhos na gastronomia belo-horizontina. Segundo matéria publicada no site do SENAC RJ¹³, os imigrantes italianos foram responsáveis pela introdução na culinária brasileira de alimentos como: a berinjela, a polenta e a broa de fubá, o pão, o molho de tomate, os embutidos e o vinho. A garrafa de palhinha (figura 5) a que se refere o narrador é um frasco comum antigamente e ainda utilizado por algumas marcas de vinhos italianos, como o Chianti, que podem ser encontrados em empórios tradicionais.

¹¹ Atual Vilma Alimentos. Saiba mais em: <https://www.vilma.com.br/a-vilma/nossa-historia/>

¹² A partir de um registro audiovisual disponível no site do “Anella Ristorante”, um vídeo publicitário produzido por P. Tostes, disponível em: <https://youtu.be/RmFwrYtYlbg>, podemos conhecer o processo de fabricação das massas e perceber o espírito inovador destes comerciantes.

¹³ Para saber mais sobre a influência da cozinha italiana no Brasil, acesse: <https://www.rj.senac.br/noticias/gastronomia/influencias-da-cozinha-italiana-no-brasil/>



Figura 5: fiaschi di vino Chianti. Fonte:

<https://i.pinimg.com/originals/ce/27/65/ce2765f6647a9689cbd37830d8fb150c.jpg>

Na obra *Livro Aberto*, publicada em 2001 e que reúne textos publicados em periódicos, temos a crônica intitulada “Língua Italiana”, escrita em 1959, na qual encontramos reflexões sobre a língua e sobre a cultura locais. Temos um narrador inserido no espaço urbano e moderno da cidade de Roma, um local de novos aprendizados por meio do confronto¹⁴ de culturas. O narrador fala de maneira divertida sobre a estranheza que algumas palavras do italiano lhe causam.

A língua italiana é agradável de se ouvir e mesmo quem, como eu, nunca aprendeu, logo se acostuma a entendê-la e se fazer entender. Algumas palavras, porém, me dão sempre uma vontade idiota de rir.

Já não digo o “prego”, que se ouve toda hora, como resposta a um agradecimento. Mas não me acostumo, por exemplo, é a chamar carimbo de “bolo”, selo de “francobolo” e envelope de “busta”. Por isso é que não tenho escrito cartas como gostaria. Já não é pouco ter de chamar perfume de “profumo”, manteiga de “burro” e saber que “casamento” quer dizer rompimento, “cascamorto” é sujeito namorador, “guardar” é olhar, “calza” é meia ou “capote” é boné. Não aprendo italiano e desaprendo o português. (SABINO, 2001, p. 191) (grifo nosso)

Neste exemplo, elementos da cultura italiana são abordados numa comparação entre o vocabulário do Português e o do Italiano. Apesar do estranhamento expressado pelo narrador, sabemos que a língua portuguesa e língua italiana apresentam certa proximidade. Isso ocorre porque são línguas neolatinas, ou seja, derivadas de uma língua comum, o latim, e compartilham várias características estruturais e vocabulares. As palavras citadas pelo narrador são interessantes porque são semelhantes na grafia e distantes no significado. A

¹⁴ O confronto aqui entendido não como uma atitude violenta, mas com um movimento que leva à observação, à comparação e ao (re) conhecimento do outro.

partir destas características, o narrador diverte o leitor em um jogo de sentido, imaginação e arbitrariedade entre a forma e o conteúdo. As palavras ‘bollo’ e ‘francobollo’ estão grafadas incorretamente. A palavra ‘casamento’, segundo o Dicionário Internazionale, define um tipo de habitação. Já a palavra ‘capote’ refere-se a um chapéu feminino do século XVIII. Essas ocorrências podem atribuídas a um conhecimento pouco profundo do italiano por parte do escritor, mas podem revelar também que as palavras foram escritas ‘de memória’, como um exercício de apreensão do novo idioma.

Nosso terceiro exemplo vem de *A volta por cima*, livro publicado em 2001, no qual encontramos o texto intitulado “A Carteira Roubada”. Trata-se de uma história curta, na qual é narrado um episódio cômico acontecido numa viagem entre a Suíça e a Itália. O narrador inicia discorrendo sobre as diferenças entre o transporte público suíço e o italiano. Após desembarcar na Itália, em meio à confusão de pessoas e malas, o narrador sente falta da sua carteira. Pensando ter sido roubado pelo carregador das bagagens, dirige-se à delegacia para prestar queixa. A burocracia e o desconhecimento da língua dificultam o registro. Em meio à confusão na delegacia, nosso viajante reencontra a carteira, que havia sido apenas trocada de bolso. No trecho abaixo, ele tenta se safar da situação embaraçosa em que meteu.

_ No que falei isto, bati a mão num dos bolsos da calça para dar mais ênfase, e que é que eu sinto lá dentro? A carteira. Só uso a carteira no bolso do paletó e, na confusão da chegada, tinha guardado no da calça, por distração.

_ Fiquei firme, olhando para o *carabiniere*, e ele olhando para mim. Muito obrigado, gaguejei. O senhor quer registrar uma queixa por escrito, eu lhe ensino a preencher o formulário, ele concedeu. Muito obrigado, repeti: Não vai adiantar nada mesmo... E fui tratando de cair fora dali. Quando já estava a alguma distância, arrisquei uma olhada rápida para trás e dei com o *carabiniere* e o carregador a me olharem com espanto. **Depois um se virou para o outro, em silêncio, e o *carabiniere* fez para o carregador um gesto de bater com a mão fechada na testa, que exprimia à italiana o que ambos pensavam a meu respeito.** (SABINO, 2001, p.27) (grifo nosso)

Neste exemplo, temos a visão do estrangeiro e o ambiente urbano italiano. O narrador tece comparações entre as culturas italiana e suíça, no que diz respeito a serviços públicos, como o transporte, e entre as culturas italiana e brasileira, no que diz respeito à segurança. O confronto de culturas é o ponto de partida desta narrativa cômica que se encerra com um elemento típico da cultura italiana que é o gestual. O gesto de bater a mão na testa

pode ser representado¹⁵ pela expressão “*Lui è pazzo!*”, traduzida por “Ele é louco!”. Um encerramento perfeito para a situação maluca em que o narrador se meteu.

A cultura italiana é abordada de maneiras diversas nos exemplos apresentados. Em cada excerto, percebemos um olhar diferente do narrador em relação à cultura: um olhar da intimidade e do reconhecimento em *Galinha ao Molho Pardo*; um olhar da curiosidade linguística em *Língua Italiana*; um olhar de estranhamento e de confronto social em *A carteira roubada*. Todos esses perpassados pelo viés cômico característico do escritor.

3. FERNANDO SABINO NA ITÁLIA: DE VOLTA ÀS ORIGENS.

Esta última parte é ao mesmo tempo terceira parte e conclusão desta minha proposta, já que interpreta um episódio conclusivo. Um sentimento esperado dos descendentes de estrangeiros num país multicultural como o Brasil é o desejo de compreender a formação da sua identidade por meio do conhecimento das suas origens. O que leva a uma busca pela cultura do país dos antepassados. Concluimos este trabalho sobre as origens do escritor, apresentando duas viagens que ilustram essa busca.

No livro *De cabeça para baixo*, publicado em 1989, Sabino reúne relatos de viagens realizadas ao longo de trinta anos, de 1959 a 1986. Entre os relatos, temos duas viagens realizadas à Itália, em 1959, quando o escritor “descobriu” a Europa, e em 1979, quando retornou com a esposa, Lygia Marina, para apresentar o país a ela.

Na viagem de 1959, o escritor faz uma passagem breve, mas significativa, pela Itália para conhecer o país do seu avô. A cidade visitada é Roma, o cicerone é o amigo Afonso Arinos:

Já na vinda para o centro, em vez de tomar a estrada comum, ele me trouxe pela Via Ápia Antiga. Passei pelas catacumbas de São Calixto, a Basílica de São Sebastião, o túmulo de Cecília Metela, mulher de Crasso, o jovem, a Vila de Quintílio, a casa de Gina Lollobrígida, e tudo mais de Roma Antiga que ele ia me mostrando pelo caminho. Todos os caminhos levam a Roma. (SABINO, 1989, p. 28)

Apesar de sua estadia breve, Sabino pôde desfrutar da atmosfera glamorosa de Roma, repleta de figuras famosas do cinema e artes em geral, pôde visitar museus, igrejas e

¹⁵De acordo com o livro: Diadori, Pierangela. *Senza Parole, 100 gesti degli italiani*. Bonacci editore: Roma, 1990. 2ª edizione.

conhecer os principais pontos turísticos da cidade: Via Veneto, Coliseu, Via Borghese, Vaticano etc. Um local em especial despertou emoção no escritor:

Ando meio tonto com a quantidade de igrejas, ruínas e museus que tenho visto desde que cheguei. Para ver tudo isso é preciso certa calma. Roma não se fez num dia.

Mas andei circulando à noite pelas ruas desertas da cidade e me senti recuperado pela emoção, **quando me vi ali na esquina da Fontana de Trevi em plena Via dos Sabinos**. Voltei para o hotel de fiacre. (SABINO, 1989, p. 28) (grifo nosso)

O estar na Via dos Sabinos é motivo de emoção para o escritor, que reconheceria sua hereditariedade na proximidade entre o seu sobrenome e o nome da rua italiana.



Figura 6: Via dei Sabinos. Roma. Captura de tela. Fonte: Google Maps

A segunda viagem à Itália, realizada em 1979, é relatada em um texto intitulado “Tutti gente nostra” que nos permite acompanhar um mergulho do escritor na cultura italiana. A começar pelo título que revela um sentimento de pertencimento à cultura local. A viagem inicia-se por Roma, a sensação é de deslumbramento com a cidade e disposição para se aprofundar na cultura local por meio da investigação da sua arquitetura, comércio, gastronomia, artes.

Hoje pela manhã fomos até Porta Portese. O dia estava tão bonito, com um friozinho tão estimulante, que resolvemos voltar a pé. **Foram alguns bons quilômetros percorridos quase sem sentir, envoltos pelo fascínio da cidade.** Monte Palatino, Campidoglio, Piazza Navona. Depois de almoçar com Júlio e Gibson na Embaixada, percorremos toda Via del Corso, a Via Condotti até a Piazza di Spagna, já com seus imensos vasos de flores. Chegamos de volta ao hotel trêpegos e felizes. (SABINO, 1989, p. 124) (grifo nosso)

Na segunda parte da viagem, Sabino e Lygia visitam a Sicília¹⁶, iniciando por Catânia. Viajando de carro pelas cidades da região, o casal conhece os principais pontos

¹⁶ A escolha por visitar o Sul da Itália não foi deliberada, uma vez que é a região de onde vieram seus avós.

turísticos. A brincadeira com a máfia siciliana, que podemos perceber no texto¹⁷, é justificada pelo sentimento de pertencimento ao local por meio da hereditariedade. Perdidos no caminho entre Catânia e Taormina, Sabino cogita pedir ajuda aos conterrâneos:

A solução era enveredar a caminho do centro, talvez encontrasse alguma banca de jornal: o dono, como todos eles, **devia ser gente nossa**.
- Pára com essa brincadeira de Máfia que você ainda vai se dar mal. Estamos na Sicília, não se esqueça.
- **Por isso mesmo. Terra do meu avô.**
- **Seu avô era de Salerno. Pelo menos foi o que você me disse.**
- E daí? **Para eles não faz diferença. Frank Sinatra era de New Jersey.**
(SABINO, 1989, p. 126) (grifo nosso)

Catânia, Taormina, Siracura, Agrigento, Piazza Armerina, Palermo são cidades na Sicília visitadas pelo casal que percorreu igrejas, templos, museus, restaurantes e mercados experimentando a cultura local. Numa tentativa de pedir comida em italiano, Sabino protagonizou um dos muitos momentos hilários do relato.

É uma vergonha eu não falar italiano. Língua do meu avô! Uma ignorância que não honra a minha ascendência.

Em Agrigento, entrei numa lanchonete, decidido a soltar a língua:

- *Per piacere, io voglio un panino gravido.*

Afinal de contas, não foi para nada que andei aprendendo umas coisas antes de vir para cá. Encontrei essa expressão na tradução italiana de um romance policial americano: Perry Mason toda hora comia paninos grávidos.

- *Ma che cosa vuoi?* - o homem me olhava, intrigado.

- Um sanduíche - deixei escapar, derrotado.

Fui imediatamente atendido. (SABINO, 1989, p. 129) (grifo nosso)

A última cidade visitada foi Milão, onde o casal pôde conhecer os principais pontos turísticos e saborear o bife à milanesa. De volta a Roma, o casal retirou as malas que havia deixado no hotel e embarcou para o Brasil com o desejo de voltar à Itália em outra oportunidade e com excelente impressão do país e do povo italiano. *Tutti gente nostra*, como o escritor afirma no final do texto.

De volta a Roma, para mais uma noite no hotelzinho da Fontana de Trevi, a última. O que é uma pena.

Estamos na portaria, aguardando o momento de partir. **Esta manhã jogamos uma moeda na fonte, para nos fazer voltar.** (SABINO, 1989, p. 132) (grifo nosso)

O relato nos mostra que o escritor teve o papel de apresentar a Itália à esposa ao mesmo tempo em que conhecia de forma mais aprofundada a cultura italiana e reconhecia suas raízes nela. Não foi a Salerno, mas escolheu o Sul da Itália para visitar, imaginamos, por reconhecer sua ligação com toda essa porção do país, já que a maioria dos turistas sempre

¹⁷ A expressão “devia ser gente nossa” pode ser lida como uma referência a “*cosa nostra*”, nome atribuído à máfia siciliana.

escolhe um roteiro das cidades mais famosas, como Roma, Florença, Veneza etc. Para isso, buscou conhecer um pouco sobre os locais por meio da leitura de guias turísticos e mapas e também se preparou estudando a língua italiana. O que nos leva a deduzir que não se tratava apenas de um simples passeio, mas também de uma viagem de exploração e aprofundamento da cultura dos seus antepassados. Com ajuda do “My Maps” do Google, podemos visualizar o roteiro da viagem pela Itália em 1979¹⁸ (figura 7).

Roteiro da viagem de Fernando Sabino pela Itália em 1979

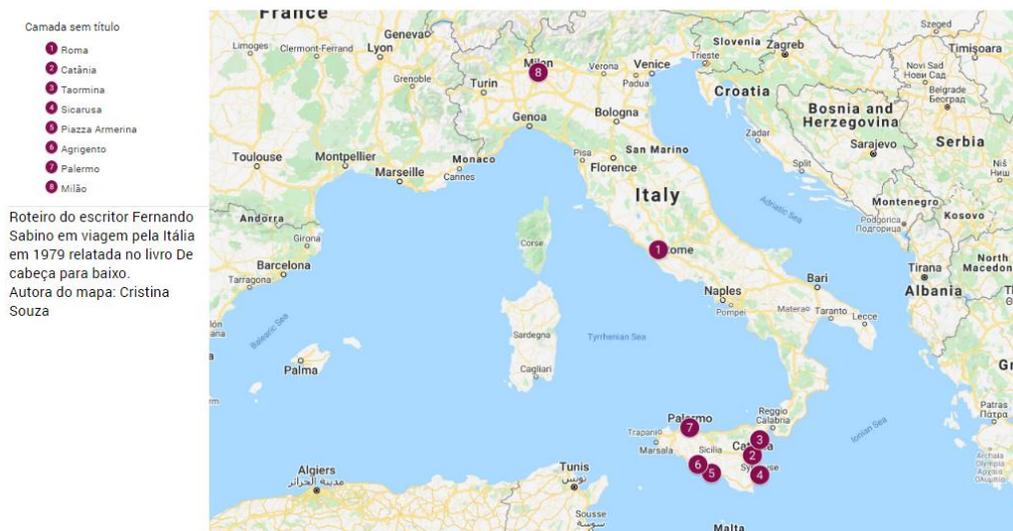


Figura 7: roteiro da viagem de Sabino à Itália em 1979.

CONCLUSÃO:

Neste artigo, o escritor Fernando Sabino foi apresentado a partir da sua origem italiana e da presença da cultura italiana na sua obra. Para isso, partimos dos aspectos gerais da imigração em Belo Horizonte para chegar à origem italiana do escritor. Em seguida, analisamos três exemplos. Essa pesquisa inicial demonstrou que a cultura italiana está presente na obra do escritor por meio de evocação da hereditariedade e a inserção de elementos da cultura italiana nos textos. A última parte e terceira parte interpreta um episódio conclusivo na vida de qualquer imigrante: realizar sua volta ao país dos seus antepassados. Apresentamos dois relatos de viagem do escritor na Itália, nos quais Sabino faz um resgate cultural. Trabalhos posteriores sobre essa temática poderão aprofundar a pesquisa sobre aspectos abordados neste artigo, ampliando-os para outras obras do escritor.

¹⁸ Caso queira fazer o roteiro com ajuda do Maps, acesse https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1ayYX8Gcd5nIqAIDFc7P_oLVAv0Vqb-s3&usp=sharing

REFERÊNCIAS:

CANTONI, Nilza.; MACHADO, Luja; **Savino: di Ispani para Leopoldina.** A origem italiana de Fernando Sabino. Palestra disponível em: <https://youtu.be/flFpVXB8OaM>. Acesso em: 08/09/2020

CANTONI, Nilza.; MACHADO, Luja; **Trem da História.** 91 - Savino#Sabino - Savino em Leopoldina. Disponível em: <https://cantoni.pro.br/tag/ispani/>. Acesso em: 08/09/2020

CANTONI, Nilza.; MACHADO, Luja; **Trem da História.** 93 – Savino # Sabino – Segundo casamento de Nicola Savino. Trem da História. Disponível em: <https://cantoni.pro.br/tag/ispani/>. Acesso em: 08/09/2020

CANTONI, Nilza.; MACHADO, Luja; **Trem da História.** 94 – Savino # Sabino – a grafia do sobrenome. Disponível em <https://cantoni.pro.br/2018/04/03/94-savino-sabino-a-grafia-do-sobrenome/>. Acesso em: 08/09/2020

DIADORI, Pierangela. **Senza Parole, 100 gesti degli italiani.** Bonacci editore: Roma, 1990. 2ª edizione.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. **Imigração italiana e desenvolvimento em Minas Gerais.** V Seminário de Imigração italiana em Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: https://www.ponteentreculturas.com.br/media/textos_palestras/imigracao_italiana_e_desenvolvimento_em_Minhas_Gerais_Ligia_Maria_Leite_Pereira.pdf . Acesso em: 08/09/2020

SABINO, Fernando. **De cabeça para baixo.** Editora Record: Rio de Janeiro, 1989.

SABINO, Fernando. **O menino no espelho.** Editora Record: Rio de Janeiro, 2007, 78 ed.

SABINO, Fernando. **Livro aberto.** Editora Record: Rio de Janeiro, 2001, 2 ed.

SABINO, Fernando. **A volta por cima**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2001, 8 ed.

SENAC RJ. **As influências da cozinha italiana no Brasil**. Disponível em:

<https://www.rj.senac.br/noticias/gastronomia/influencias-da-cozinha-italiana-no-brasil/>

Acesso em: 08/09/2020

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1: Inauguração da cidade de Belo Horizonte. Fonte:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Inauguracaobh.jpg>

Figura 2: pais do escritor Fernando Sabino. Fonte: acervo do autor.

Figura 3: Árvore da família Sabino - elaborada a partir dos estudos de Cantoni e Machado (2017).

Figura 4: Pastificio Peluso (Fundado em 1950). Captura de tela. Fonte:

<https://youtu.be/RmFwrYtYlbg>

Figura 5: fiaschi di vino Chianti. Fonte:

<https://i.pinimg.com/originals/ce/27/65/ce2765f6647a9689cbd37830d8fb150c.jpg>

Figura 6: Via dei Sabini. Roma. Captura de tela. Fonte: Google Maps

<https://www.google.com/maps/place/Via+dei+Sabini,+00187+Roma+RM,+It%C3%A1lia/@41.9006806,12.4812561,3a,75y,263.63h,98.35t/data=!3m6!1e1!3m4!1spAE-7YbkWcS86LVVfzxCww!2e0!7i16384!8i8192!4m5!3m4!1s0x132f6052ff9f3b0b:0x5e666112205cccad!8m2!3d41.900667!4d12.4811701?hl=pt-BR>

Figura 7: roteiro da viagem de Sabino à Itália em 1979. Fonte:

https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1ayYX8Gcd5nIqAIDFc7P_oLVAv0Vqbs3&usp=sharing